



**Transição Agroecológica na Agricultura Familiar: Relato de experiência no Acampamento Elizabeth Teixeira.**  
*Agroecological Transition in Family Agriculture: Report of experience in Encampment Elizabeth Teixeira*

ITEMINI, Ana Elisa<sup>1</sup>; TRENTO, Luã Gabriel<sup>2</sup>

<sup>1,2</sup> Laboratório de Educação e Política Ambiental - Oca - ESALQ/USP, anaiemini@usp.br;  
lua.trento@gmail.com

**Eixo temático: Políticas Públicas e Agroecologia**

**Resumo:** Este relato apresenta experiências da aplicação do Protocolo de Transição Agroecológica que tem sido realizado junto com agricultoras do Acampamento Elizabeth Teixeira, em Limeira – SP, resultado das ações de estudantes da ESALQ/USP que compõem o grupo de autogestão “Motyrõ”, do Laboratório de Educação e Política Ambiental-OCA. Foram executadas, de maio a junho de 2019, as etapas do Protocolo da Secretaria de Agricultura e Abastecimento (SAA), e planejadas, participativamente, ações de adequações nas áreas para os próximos doze meses. Em junho de 2019, 3 agricultoras participaram do evento “*Bio Brazil Fair 2019*”, numa atividade organizada pela SAA, onde deram depoimentos sobre a experiência com o protocolo e receberam os certificados de boas práticas agroambientais. O Motyrõ busca suprir a carência da atuação do estado e aproximar a comunidade de políticas públicas já existentes, contribuindo, assim, na formação de profissionais capacitados a atuar no contexto agrário do Brasil.

**Palavras-Chave:** Agroecologia; Políticas Públicas; Protocolo de Transição Agroecológica.

**Keywords:** Agroecology; Public policy; Protocol of Agroecological Transition.

**Abstract:** This report presents experiences of the application of the Protocol of Agroecological Transition that has been carried out together with farmers from the Campamento Elizabeth Teixeira, in Limeira - SP, resulting from the actions of ESALQ / USP students that make up the self - management group "Motyrõ", Laboratory of Education and Environmental Policy-OCA. The steps of the Protocol of the Secretariat of Agriculture and Supply (SAA) were executed from May to June 2019, and plans for adaptations in the areas for the next twelve months were planned. In June 2019, three women farmers participated in the event "*Bio Brazil Fair 2019*", organized by SAA, where they gave testimony about the experience with the protocol and received the certificates of good agro-environmental practices. Motyrõ seeks to overcome the lack of state action and bring the community closer to existing public policies, thus contributing to the training of professionals trained to work in the agrarian context of Brazil.

**Contexto**

Transição Agroecológica “*é o processo gradual com orientação e acompanhamento de transformação das bases produtivas e sociais para recuperar a fertilidade e o equilíbrio ecológico do agroecossistema em acordo com os princípios da Agroecologia, priorizando o desenvolvimento de sistemas agroalimentares locais e sustentáveis, considerando os aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos*”, segundo o texto do Projeto de Lei 236/2017 da Política Estadual de Agroecologia e Produção Orgânica



de São Paulo - PEAPO. Neste sentido surge o Protocolo de Transição Agroecológica que, em termos práticos, é uma série de intenções dos agricultores em realizar a transição de um sistema produtivo convencional para um agrossistema seguindo os princípios da Agroecologia. Este protocolo foi criado em maio de 2016 e tem como signatários: Secretaria do Meio Ambiente do estado e Secretaria de Agricultura e Abastecimento (SAA) do Estado de São Paulo, Associação de Agricultura Orgânica e Instituto Kairós.

Segundo a SAA, seus objetivos são: Estimular a Transição Agroecológica e a produção orgânica; Promover o uso sustentável dos recursos naturais; Estimular sistemas de produção agrícola mais biodiversos e; Incrementar a produção, a oferta e o consumo de alimentos saudáveis.

O protocolo é composto por diversos procedimentos, entre eles está o “*Check List*”, que é realizado por um extensionista, no qual avalia a área do/a agricultor/a, que ao final receberá uma pontuação de acordo com o estado atual do seu agroecossistema. Dentre as dimensões levantadas pelo “check list” estão, por exemplo: as práticas de conservação de solo, controle de erosão, proporção de matéria orgânica no solo, agrobiodiversidade, utilização de fertilizantes orgânicos e/ou adubos verdes, uso racional da água, manejo ecológico de pragas e doenças, destino correto de dejetos humanos, águas cinzas, resíduos sólidos, a felicidade do/a agricultor/a, entre outros, buscando olhar parte da complexidade do agroecossistema local.

Tendo sido preenchido, o/a agricultor/a e o/a extensionista/a elaboram juntos/as um Plano de Ação, buscando adequar os fatores ainda não contemplados aos princípios Agroecológicos, com prazo entre um e cinco anos para toda Transição Agroecológica ter sido colocada em prática.

O acampamento Elizabeth Teixeira está situado na área conhecida como Horto Florestal do Tatu, com uma área total de 591,8551 ha. Esta área é, da então, antiga Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA) que em 2007 o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), com 195 famílias (segundo o INCRA), ocuparam parte dessa área, instalando assim o acampamento (CARCAIOLI, 2014).

Essa ocupação veio pelo fato de que nesse mesmo ano a Presidência da República declarou a Lei 11.483/07, que extinguiu a RFFSA, destinando todas as áreas da massa falida à União, para projetos de habitação social, entre os imóveis listados, encontrava-se o Horto Florestal Tatu, em Limeira. Atualmente, o acampamento está com cerca de 115 famílias, dispostas em 113,0638 ha dos quais pleiteiam, em conjunto com o INCRA 315,2524 há, o que equivale a cerca de 2,5 ha por família, com o restante da área destinada para espaços coletivos.

Entendendo que se trata de uma ocupação pela Reforma Agrária, já em seu décimo segundo ano de existência, e que o processo pela legalização de terras, nestes contextos, costuma ser longos e desgastantes, com uma clara lacuna em acesso a políticas públicas e a direitos cidadãos, como o acesso à água e saneamento, o



suporte a estas comunidades se dão frequentemente via a organicidade dos Movimentos Sociais, ONGs e grupos de extensão, ligados à Instituições de Ensino Superior (IES) e à pesquisa, buscando diminuir o vão existente entre a marginalização completa e o acesso e permanência da assistência Estatal.

Neste sentido vem o trabalho do grupo Motyrõ, buscando trabalhar na construção de alternativas tecnológicas e sociais junto ao acampamento, atualmente com foco nas agricultoras do Grupo de Consumo, que fazem entregas de produtos de base ecológica junto à estudantes da UNICAMP de Limeira/SP.

Dentre as políticas públicas potenciais foi definido, em conjunto com as agricultoras, o Protocolo de Transição Agroecológica, que se traduz em um certificado de boas práticas, comprovando a não utilização de insumos químicos, transgênicos ou agrotóxicos, além de contribuir na organização interna das agricultoras, seja no seu acompanhamento produtivo como nas trocas de experiências entre elas.

### **Descrição da Experiência**

Toda intervenção do grupo dentro do Acampamento foi permeada pelos conceitos da Metodologia Participativa, entendendo que o Motyrõ não seria um transmissor da ciência da academia, mas que o conhecimento seria construído através do diálogo de saberes entre agricultores e estudantes. As agricultoras interessadas em aderir ao programa, fazem parte de um Grupo de Consumo e se organizam na produção e distribuição de cestas de produtos, estes chamados orgânicos, mas sem nenhum tipo de certificação.

O processo da aplicação do protocolo de Transição Agroecológica, realizado de março a junho de 2019, iniciou-se com visitas aos lotes de cada agricultora, sendo a: Cinthia da Silva, Juraci Rosa dos Santos, Clarice dos Santos, Marieta Ferreira, Jandira da Silva e Melissa Moroski. A metodologia de trabalho teve uma linha comum e as principais diferenças estavam nas percepções de cada agricultora na construção dos seus “lotes de futuro”.

Como o Motyrõ já conhecia as agricultoras a recepção era feita com afeição, já nos colocando com “o papo em dia”. Sempre levando algo para um café a ser compartilhado, iniciava-se a conversa sobre o que era o Protocolo de Transição Agroecológica (retomando a explicação, buscando tirar as dúvidas que poderiam ter restado), sua importância na adequação do agroecossistema a práticas de manejo ecológicas, e na sua potencial contribuição na organização interna do Grupo de Consumo, além do valor (político e econômico), que um certificado de produção Agroecológica teria na venda de cestas.

Num segundo momento, era realizada uma caminhada por toda extensão do lote, para o preenchimento do “Check List” e para o levantamento da diversidade do uso e ocupação do solo. Enquanto isso outros membros do Motyrõ captavam pontos de



GPS do terreno, para que, de volta ao laboratório, fosse possível ter o tamanho das áreas do lote e suas subdivisões.

Neste mesmo momento, ainda era possível já ir apontando algumas adequações, que certamente seriam necessárias, como a presença de erosões, solo descoberto, o uso de fertilizantes, etc. Para consolidar o olhar das agricultoras sobre o lote, retornávamos à casa, onde, com uma caneta e uma cartolina as agricultoras podiam desenhar como enxergavam seu terreno no momento presente para que em seguida, com uma caneta de outra cor, colocar no papel os sonhos para o futuro. O papel do Motyrõ ali era basicamente alinhar os sonhos com as etapas do plano de ação do protocolo pré-observadas. Fora do campo, essas informações eram sistematizadas numa tabela para serem disponibilizadas às agricultoras.

Realizada as visitas nos lotes de cada uma das agricultoras, foi marcada uma reunião, no dia 17 de maio, onde grupo levou todas as informações sistematizadas em documentos e o plano de ação por escrito, para os próximos 12 meses. Foi trazido, ainda que de forma muito rápida pelo atraso do início da reunião, as responsabilidades das agricultoras, de forma individual, nas ações a serem realizadas nos lotes para que em seguida fosse dialogado em coletivo quais metodologias seriam utilizadas para que os desafios e aprendizados fossem compartilhados internamente. Ao final, os documentos foram assinados, pelo grupo Motyrõ e pelas agricultoras, afirmando o compromisso no plano de ação.

Tendo sido encaminhado os documentos, fomos convidados pela SAA à fazer um relato da experiência sobre a aplicação do Protocolo de Transição Agroecológica na feira “*Bio Brazil Fair 2019*”. A Incubadora de Tecnologia e Cultura Popular (ITCP), que têm atuado com as agricultoras, conseguiu transporte até a feira, onde foi possível irem 3 agricultoras, que puderam compartilhar, junto ao público presente, um pouco da sua história e dos desafios cotidianos enfrentados como acampamento com pouco acesso à políticas públicas. Esse momento trouxe, além do recebimento dos certificados, a sensibilização sobre uma conjuntura não tão incomum no estado de São Paulo em acampamentos e assentamentos.

## **Resultados**

A busca ao acesso a políticas públicas, num contexto de marginalização social, se torna uma exercício de insistência e resistência. O protocolo é um projeto que tem contribuído com agricultores/as do estado de forma pragmática na transição para agroecossistemas mais sustentáveis, mas ainda é insuficiente, seja no acesso aos conhecimentos técnicos necessários (falta de políticas de ATER e de técnicos capacitados), seja na inserção desses agricultores à um circuito produtivo adequado às suas condições ( e capaz de dar acesso à população a alimentos saudáveis e sem agrotóxicos).



O trabalho do grupo Motyrõ, da mesma maneira, vem de contramão à condução da Universidade de agrárias da USP em relação ao modelo produtivo e à extensão/comunicação rural. Ainda com poucos recursos e apoio, o grupo atua pautado pelo aprendizado que as trocas na vivência com a extensão rural Agroecológica têm propiciado, buscando formar profissionais coerentes com a construção de um paradigma para Sociedades Sustentáveis simultaneamente que pauta o acesso a políticas públicas.

## **Agradecimentos**

Agradeço à toda equipe do Motyrõ, seus parceiros e em especial às companheiras de luta, Juraci, Marieta, Melissa, Clarice e Jandira!

## **Referências bibliográficas**

CARCAIOLI, G. F. **Conhecimentos ordinários, currículo e cultura: artes de fazer no acampamento** Elizabeth Teixeira. [s.l.] Universidade de Campinas (UNICAMP), 2014.

COMISSÃO DE FERTILIDADE DO SOLO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. **Recomendações para o uso de corretivos e fertilizantes em Minas Gerais – 5ª Aproximação.** Viçosa, MG, 1999. 359 p.

CAPORAL, F. R. **Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis.** Reforma Agrária em Dados, 2009. Disponível em: <<http://reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/Agroecologia,%20ciencia%20para%20a%20agricultura%20mais%20sustentavel%20-%20Francisco%20Caporal.pdf>>. Acessado em maio de 2019.

COORDENADORIA DE DESENVOLVIMENTO DOS AGRONEGÓCIOS. **O que é Transição Agroecológica.** Governo do Estado de São Paulo. Disponível em: <<https://www.codeagro.sp.gov.br/transicao-agroecologica/introducao>>. Acessado em junho de 2019

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável.** Porto Alegre: UFRGS, 2000.